

## **The Project Gutenberg eBook of Obras posthumas, by Nicolau Tolentino**

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Obras posthumas

Author: Nicolau Tolentino

Release date: July 3, 2011 [EBook #36608]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

\*\*\* START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK OBRAS POSTHUMAS \*\*\*

**OBRAS**

**POSTHUMAS**

**DE**

**NICOLÁO TOLENTINO**

**DE ALMEIDA.**

---

**LISBOA, 1828.**

**NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.**

---

*Com Licença da Meza do Desembargo  
do Paço.*

*A Sua Alteza.*

## SONETO I.

Tornai, tornai, Senhor, ao Tejo undoso,  
Vinde honrar-lhe outra vez a clara enchente,  
E deixai que ajoelhe entre a mais gente  
Hum protegido humilde, e respeitoso.

Não leva a vossos pés rogo teimoso  
De importuno cansado pertendente;  
Vem beijar-vos a mão humildemente,  
A mão augusta que o fará ditoso.

Pois foi por Vós benignamente ouvido,  
Não vai fazer em pertenções estudo,  
Vai só mostrar-vos que he agradecido.

Ante Vós ajoelha humilde, e mudo:  
Mostrai-lhe que inda he Vosso protegido;  
Que se isto lhe ficou, ficou-lhe tudo.

*A Sua Alteza.*

[4]

## SONETO II.

Qual naufrago, Senhor, que foi alçado  
Por mão piedosa d'entre as ondas frias,  
Tal eu de antigas duras agonias  
Por vossas Reaes mãos fui resgatado:

Pois vencestes as teimas do meu fado,  
E já vejo raiar dourados dias,  
Deixai que possa em minhas poesias  
O vosso Augusto Nome ser cantado.

Não he digna de vós minha escriptura,  
Nem harmonia, nem estilo a adoça;  
Mas valha-lhe, Senhor, vontade pura.

Principe excelso, consentí que eu possa  
Fazer inda maior minha ventura,  
Contando ao mundo que foi obra Vossa.

*Sahindo Conselheiro da Fazenda o Illustrissimo,  
e Excellentissimo Senhor D. Diogo  
de Noronha.*

[5]

## SONETO III.

Nem sempre em verdes annos a imprudencia  
Produz irregular procedimento:  
Nem sempre encontra o humano entendimento  
Só perto do sepulcro a sã prudencia.

Em Vós não esperou a Providencia  
Que longas cans vos dêm merecimento:  
Em Vós mostrou que estudos, e talento  
Valem mais do que a larga experiencia.

Os eruditos velhos Conselheiros,

Depois que o vosso voto alli for dado,  
Serão de Vós eternos pregoeiros:

E dirão que deveis ser escutado  
Onde os Ministros vossos companheiros  
Não sejam da Fazenda, mas do Estado.

*Aos leques mui pequenos, chamados Marotinhos.*

[6]

#### SONETO IV. [111](#)

Fofo colchão, as plumas bem erguidas,  
E sobre os hombros nas jucundas frentes  
De enrolado cabello anneis pendentés,  
Longos chorões, bellezas estendidas,

Era esta das matronas presumidas  
A moda, que trazião bem contentes;  
Rião-se dellas as modestas gentes  
Vendo pequenas poupas esquecidas.

Nisto a gentil Madama aperaltada,  
Grande auctora de trastes exquisitos,  
Nova moda lhe inventa abandalhada.

Reprova-lhe aureos leques com mil ditos.  
Eis senão quando (oh moda endiabrada!)  
Abanão-se com azas de mosquitos.

*O cruel disfarce.*

[7]

#### SONETO V.

Sem murmurar padecerei callado  
Cumprindo o teu preceito violento:  
Faltava a envenenar o meu tormento  
Dever ser por mim mesmo disfarçado.

De trazer o semblante socegado  
Farei o inculpavel fingimento:  
Nos olhos mostrarei contentamento,  
Tendo hum punhal no coração cravado.

Este peito onde nunca engano viste,  
Que não sabe a vil arte de affectar-se,  
Onde a verdade, e a intacta fé existe,

Martyr do amor, e do infiel disfarce,  
Nas tuas adoraveis mãos desiste  
Té dos tristes direitos de queixar-se!

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Visconde de Ponte de Lima, Secretario  
de Estado.*

[8]

#### SONETO VI.

A longa cabelleira branquejando,  
Encostado no braço de hum Tenente,  
Cercado de infeliz chorosa gente  
Hia passando o velho venerando.<sup>[2]</sup>

Geraes repostas para o lado dando:  
«Sim Senhor; Bem me lembra; Brevemente;»  
Na praguejada mão omnipotente  
Nunca lidos papeis hia aceitando.

Mas eu que já esperava altas mudanças,  
Melhor tempo aguardei, e na algibeira  
Metti a Petição, e as esperanças.

Chegou, Senhor Visconde, a *viradeira*:  
Soltai-me a mim tambem destas crianças,  
Onde tenho o meu Forte da Junqueira.

*Fazendo Annos a Illustrissima, e Excellentissima  
Senhora Marqueza de Angeja.*

[9]

### SONETO VII.

Senhora, ha muito tempo pertendia  
Ser do vosso favor patrocinado:  
Mil vezes vos quiz dar este recado;  
Porém sempre o respeito me impedia.

Chegou em fim o venturoso dia  
A fazer beneficios destinado:  
Vou neste privilegio confiado;  
Que a não ser isso não me atreveria:

Vou pedir que descendo da Cadeira,  
Onde explico os crueis Quintilianos,  
Me ensineis a tomar melhor carreira.

Que em mim ponhais os olhos soberanos,  
E que me chegue em fim a *viradeira*<sup>[3]</sup>  
No faustissimo dia destes annos.

*Aos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo  
Senhor Conde de Avintes.*

[10]

### SONETO VIII.

A varonil idade florecente  
Vos tece, illustre Heróe, annos dourados  
Para serem à Patria consagrados;  
Pois sois de Almeidas claro descendente.

Sobre as terras, e mares do Oriente  
Inda vejo os trofeos alevantados:  
Vejo beber mil corpos aboiados  
Do turvo Gange a fervida corrente.

No difficil caminho d'honra, e gloria  
Por ferro, e fogo a seus bons Reis servindo,  
Vos deixão por doutrina a sua historia.

Forão diante o duro passo abrindo:  
Entrai, Senhor, no Templo da Memória,  
Os bons Avós, e o illustre Pai seguindo.

*Estando nas Caldas.*

[11]

### SONETO IX.

Por mais que vos alongue olhos cansados,  
Olhos ha tanto tempo descontentes,  
Não vedes mais que pallidos doentes  
Por mãos estranhas n'agoa sustentados.

Quantas vezes ficastes magoados  
Por ver ir entre as fervidas correntes  
Envolvidas mil lagrimas ardentes  
Do que em vão quer alçar braços mirrados!

Vistas são estas de bem pouco gosto;  
Porém bem pagos ficareis hum dia  
Quando virdes de Arminda o lindo rosto.

E o pranto, que atégora vos cahia  
De lastima, d'auzencia, e de desgosto,  
Ella o fará correr; mas de alegria.

*A huns Annos.*

[12]

### SONETO X.

Foi este o dia em que a teus pés baixarão  
Venus, e as lindas Graças innocentes,  
E em torno do aureo berço reverentes  
Ao som de alegres hymnos te embalarão.

Aos teus olhos gentís communicarão  
Cruel poder de conquistar as gentes:  
Mil suspiros, mil lagrimas ardentes  
A muitos corações prognosticarão.

Dérão-te huma alma heroica, hum nobre peito:  
Dérão-te discrição, e formosura,  
Dons a que o mundo está mui pouco afeito.

Mas, oh humana sorte, triste, escura!  
Para na terra nada haver perfeito,  
Dérão-te hum coração de pedra dura.

*Ao disfarce das Mulheres.*

[13]

### SONETO XI.

Vens de balde, oh bellissima perjura,

C'o lindo rosto em lagrimas banhado:  
Já fui por ti mil vezes enganado,  
E sempre me affectaste essa ternura.

Esse alvo peito, que he de neve pura,  
Mas de aço, e fino bronze temperado,  
Encobre hum coração refalseado,  
Hum coração de viva rocha dura.

Em vão trabalhas, se enganar-me queres,  
Vejo correr com animo sereno  
Esse pranto em que fundas teus poderes:

Mal inventado ardil: ardil pequeno:  
Tu mesma me ensinaste, que as mulheres  
Misturão com as lagrimas veneno.

*A huma Camponeza.*

[14]

### SONETO XII.

Não morão em palacios estucados  
Almas singelas, almas extremosas:  
Nutrem da Corte as damas enganosas  
Em tenros peitos corações dobrados.

Venhão por longos mares conquistados  
As Indianas sedas preciosas:  
Cubrão-lhe as carnes alvas, e mimosas  
Ricos vestidos em Paris bordados.

São isto effeitos da arte, e da ventura:  
Estimo mais que toda a vã grandeza  
Hum limpo coração, huma alma pura.

Não na Corte; das serras na aspereza  
Fui achar innocencia, e formosura,  
Sagrados dons da simples Natureza.

*A huma Dama interesseira.*

[15]

### SONETO XIII.

Podião ser felices meus amores  
Quando por ouro o amor se não vendia:  
Já de palavras Nize desconfia,  
Só crê ou em dinheiro, ou em penhores.

Vio-me assaltado d'ancias, e temores  
Quando na porta irada mão batia:  
Por costume infeliz ella sabia  
Que era algum dos cansados acredores.

Forão-se os dias bemaventurados,  
Em que só almas grandes, peitos nobres,  
Erão do Deus de amor agazalhados:

Negro destino hoje preside aos pobres:  
Poz termo a bella Nize aos seus agrados,  
Vendo esta bolça condemnada a cobres.

**SONETO XIV.**

Em quanto o Reino cheio de ternura  
Ao grande Bemfeitor te ha consagrado,  
E respeita aos teus pés ajoelhado  
O Rey Augusto de quem és figura:

Em quanto os que me vencem em ventura  
Abrindo o antigo cofre chapeado,  
Mandão de prata, e d'ouro recamado  
Entretecer a rica vestidura:

Eu que não tenho desta louçania,  
De outra sem pejo sahirei composto,  
Que não cede á mais fina pedraria.

São ternissimas lagrimas de gosto:  
Nem infama o triunfo deste dia  
Quem põe por gala o coração no rosto.

*Descrição de Badajoz.*

**SONETO XV.**

Passei o Rio, que tornou atraz,  
Se acaso he certo o que Camões nos diz,  
Em cuja ponte hum bando de Aguazis  
Registrão tudo quanto a gente traz.

Segue-se hum largo, em frente delle jaz  
Longa fileira de baiucas vís:  
Cigarro acezo, fumo no nariz,  
He como a companhia alli se faz.

A cidade por dentro he fraca rez,  
As moças põem mantilhas, e andão sós,  
Tem boa cara; mas não tem bons pés.

Isto, coifas de prata, e de retroz,  
E a cada canto hum sórdido Marquez,  
Foi tudo quanto vi em Badajoz.

*Á Serenissima Princeza entrando no banho.*

**SONETO XVI.**

Nynfas do Téjo já por mim cantadas,  
Nossa Augusta Princeza esta presente;  
Pedí-lhe, que honre a placida corrente,  
E as agoas ficarão mais prateadas.

Diante de seus pés ajoelhadas  
Em justo acatamento reverente,  
Serenem vossas mãos a clara enchente,  
E as frias agoas corrão temperadas.

Sobre as ondas as frentes levantando,  
Ao tempo que as douradas tranças bellas  
Brandamente lhe fordes enxugando,

Dizei-lhe, que sustento Irmãs donzellas,  
Outras viuvvas; e ide-lhe lembrando,  
Que o bem que me fizer he feito a ellas.

*Levantando-se o Author da meza de hum  
Grande por serem horas de ir para a Aula.*

[19]

### SONETO XVII.

Não tomando em desprezo o escuro estado  
Em que me poz Fortuna, e Natureza,  
Olhastes sem horror minha baixeza,  
E fizestes sentar-me ao vosso lado.

Então de ingrata obrigação chamado  
Deixei à força a companhia, e a meza,  
E inda cheio de ideias de grandeza  
Vim dar por thema hum Verbo conjugado.

Não sei com dous oppostos conformar-me;  
Soffrem-me os Grandes, sou taful, e moço,  
Não sei a *Senhor Mestre* costumar-me.

Taes extremos, Senhor, unir não posso;  
De dous genios não sou: mandai fechar-me  
Ou a minha Aula, ou o Palacio vosso.

*Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Penalva  
chegando o A. á quinta das Lapas.*

[20]

### SONETO XVIII.

Hum triste fatigado caminhante  
Chega a Vós, Illustrissimo Penalva:  
Co'a mão na espada a augusta Casa salva  
Segundo as leis de cavalleiro andante.

Sobre ronceiro fraco Rocinante,  
Que pesca a dente contradicha malva  
Por duras rochas, por areia calva  
Cem vezes pronta morte vio diante.

Cuidando achar aqui melhores fados,  
Aos pés de outro Rocim, por novo caso,  
Quasi que vio seus dias acabados.

Quiz correr junto a Vós sobre o Pegaso:  
Cahio, e por sinal colheis regados  
Do sangue seu os louros do Parnaso.



**SONETO XVIII.** [\[4\]](#)

Hum vulto cuja fórma desconsola  
Pelo muito que mostra o pouco sizo,  
E que pela pobreza do juizo  
Mil trastes exquisitos desenrola:

Chapeo que bem carrega hum mariola,  
E que ainda aos sizudos causa rizo,  
Cazaquinha cortada de improvizo,  
Fivela que lhe vem de sola a sola:

Espantalho que em praça nunca falta  
Sem ter occupação nem má, nem boa,  
Que apenas moça vê logo lhe salta:

Eis-aqui, sem medir qualquer pessoa,  
Breve quadro de hum misero Peralta,  
Que affecta de Maltez cá em Lisboa.

*Aos Annos do Serenissimo Principe Nosso  
Senhor.*

[22]

**SONETO XIX.**

Foi este, Alto Senhor, o santo dia,  
O Ceo o concedeo, o Ceo que he justo  
Afflicto o Povo, posto em dôr, e em susto  
Com lagrimas ardentes lho pedia.

O fertil Ganges nas entranhas cria  
Offertas para Vós, Principe Augusto,  
E ajoelhado na praia o Povo adusto  
Rico thesouro a vossos pés envia.

Ao Reino tecereis dias dourados,  
Sem precizar que os Fastos Lusitanos  
Vos contem as acções dos Reis passados.

Ponde os olhos nos vivos Soberanos,  
Estudai-lhe as doutrinas, e os cuidados,  
E a patria acclamará os vossos Annos.

*A hum Leigo Arrabido vesgo, despedido da  
Meza do S. C. P. Silva, por tomar a melhor  
pera da Meza. He o de que se trata  
nas Decimas, Tom. II. pag. 178, Ferio  
sacrilega espada.*

[23]

**SONETO XX.**

O vesgo monstro que co'a gente ralha  
E de manhã a todos atravessa,

A cuja hirsuta sordida cabeça  
Nunca chegou juizo, nem navalha;

Que os gazeos olhos pela meza espalha  
Por ver se ha mais comer que tire, ou peça,  
Entrando nelle com tal fome, e pressa  
Qual faminto frizão em branda palha;

Por crimes de alta gula, e pouco sizo,  
De meza bem servida, mas severa,  
Foi n'hum dia lançado de improviso.

Hoje chorando o seu perdão espera:  
Perdêrão dous glotões o Paraiso,  
O antigo por maçãa, este por pera.

*Aos toucados altos.*

[24]

### SONETO XXII. [\[5\]](#)

Foi ao Manique hum homem accusado  
Por contrabandos ter; elle sciente  
Chama a quadrilha, corre diligente,  
Entra, busca, e não acha o Malsinado.

Acha a mulher, que tinha por toucado  
A torre de Belem: ella que o sente,  
Banhada em pranto, desmaiada a frente,  
Prostra por terra o corpo delicado.

C'o boléo se esbandalha a mata espessa,  
Sahem della esguiões, cassas lavradas,  
E de belbute trinta e huma peça,

Fivelas, espadins, rendas bordadas:  
Até tinha escondido na cabeça  
O marido, e tres arcas encouradas.

*Mettendo a ridiculo humas contradanças.*

[25]

### SONETO XXIII.

N'huma tremula sala mal armada  
Com placas velhas, e papel pintado;  
Clamava já o povo alvoroçado  
Que fosse a Favorita começada.

Guincha em venal rabeca desgrudada  
De velho musico o arco estuporado:  
Cadeia, grita hum muito suado,  
Olhem que vai a contradança errada.

Nervoso chispo, saborosas frutas  
He fazenda que alli nunca governa:  
Aquellas bocas andão sempre enxutas.

Nunca mais alli tórno a fazer perna:  
Quanto mais val o ir com quatro trutas  
Fazer huma função n'huma taberna.

**SONETO XXIV.**

Atiça, ó moço, a moribunda chama  
Dessa faminta, sordida candêa,  
E encostado á parede cabecêa,  
Posta de guarda ao pé da minha cama.

Se o sono, que em meus olhos se derrama,  
E os languidos sentidos me encadêa,  
Tentar com sonhos esta pobre idéa,  
Em altos gritos por meu nome chama:

Assenta-me na cara essas mãos frias:  
Pois ves o fructo, que sonhando tiro,  
Corta em raiz traidores fantasias.

Contra os sonhos desde hoje me conspiro:  
Se ao primeiro me dizem heresias,  
Em sonhando outros pregão-me hum tiro!

*Á moda dos chapeos maiores da marca.*

[27]

**SONETO XXV.**

Amigos, e Senhor meu, de França, ou Malta  
Hum chapeo mande vir a toda a pressa;  
A cópa que me ajuste na cabeça;  
Mas as abas na fóрма a mais peralta.

A detraz que me fique muito alta,  
A prezilha, e botão pequena peça:  
Estimarei que disto não se esqueça;  
Que a demora me faz bastante falta.

Gostei muito do invento, he bem traçado,  
Porque vi no Loreto hum certo dia  
Muito povo a correr para o Chiado,

Para ver hum Senhor, quem tal diria:  
C'hum chapeo de tal fóрма desmarcado  
Que nem a gente a pé passar podia.

*Ás fivelas chamadas a la Chartre.*

[28]

**SONETO XXVI.**

Oh quantos Mexicanos patações,  
Mareados talheres já sem par,  
Á tonta Avó o neto vai furtar  
De mofentos decrepitos caixões:

Fundidos em quadrados fivelões

Para á Chartres o neto passear,  
Traz nos pés a baixela singular  
Que podia servir em correões.

Capitão Vento-Sul, rico Hollandez,  
Que de prata subtil pequenos Ós  
Servem só de fivelas nos teus pés,

Vem admirar-te, vendo que entre nós  
Traz o pobre peralta Portuguez  
Por fivelas molduras de tremós.

*A huma Velha presumida.*

[29]

### SONETO XXVII.

Debalde sobre a face encarquilhada  
Pendendo louros bugres emprestados,  
Dás inda ao louco amor teus vãos cuidados,  
Em carmins enganosos confiada.

Postiça formosura, em vão comprada,  
Não torna atraz os annos apressados:  
Nem alvos dentes de marfim talhados,  
Tornão em nova a tremula queixada.

De ti no mesmo tempo que do Gama  
Cantou mil bens a Deosa Trombeteira,  
A que os baixos Poetas chamão Fama:

Porém sempre ficaste em boa esteira;  
Porque, se já não prestas para dama,  
Inda serves mui bem como terceira.

*Aos Annos de huma formosa Dama.*

[30]

### SONETO XXVIII.

Deixai, Pastores, na montanha os gados,  
Vinde ao sitio melhor desta campina  
Beijar a mão á bella, e peregrina  
Deidade tutelar dos nossos prados:

Vinde offertar-lhe aos annos celebrados  
O cravo, a roza, a angelica, a bonina;  
E ao mais suave som da flauta fina  
Decantar seus illustres predicados.

Mas já a cercão pastores, e pastoras;  
Huma lhe beija a mão, outra o vestido;  
Elles a coroão de vistosas flores,

E em doces vozes todo o rancho unido  
Canta que ella he a Deosa dos Amores;  
Pois tem no rosto as settas de Cupido.

*A Sua Alteza.*

[31]

### SONETO XXIX.

Nesta cansada triste poesia  
Vedes, Senhor, hum novo pertendente,  
Que aborrece o que estima toda a gente,  
Que he ter no mundo cargos, e valia.

Sobre alto throno ha annos que regia  
De docil povo turba obediente:  
Mas quer antes sentar-se humildemente  
N'hum banco da Real Secretaria;

Qual modesto Capucho reverendo,  
Que em fim de Guardiania triennial  
Passa a Porteiro as chaves recebendo.

Em mim conheço vocação igual:  
E co'a mesma humildade hoje pertendo  
Passar de Mestre a ser Official.

*A hum Padre Guardião.*

[32]

### SONETO XXX.

Meu Padre Guardião, que exemplarmente  
Regeis essa Capucha Sociedadade,  
Que munida do véo da Santidade  
Passa como não passa a mais da gente:

Vós que á força de braço omnipotente  
Fazeis tremer do inferno a potestade,  
E aos exorcismos só de hum vosso Frade  
Se explica o Demo em Portuguez corrente:

Logo que dessa estola o forte escudo  
Buscar esbelta Nynfa, que atacada  
Seja d'algum Demonio surdo, ou mudo,

Mandai dos Márques conte a trapalhada:<sup>[6]</sup>  
Pois só elle, que foi o que urdio tudo,  
Sabe quem commetteo a velhacada.

*Em louvor de Caporalini, Actor do Theatro  
de S. Carlos.*

[33]

### SONETO XXXI.

No grão Theatro vejo sempre enchentes:  
As cans annosas, os cabellos louros,  
Illustradas nações, barbaros Mouros,  
Todos da tua voz ficção pendentes.

Que importa que não deixem descendentes  
Teus ex-virís deshabitados couros;  
Que importa que tu roubes aos vindouros  
Se enriqueces, se encantas os presentes?

Não he traição ao sexo feminino;  
He só razão quem te elogia, e preza,  
Comico Mestre, Musico divino.

Oh nação de harmonia, e de crueza!  
O teu ferro nem sempre he assassino:  
Não insultou, honrou a natureza.

*Achando-se o Author prezo dos bellos olhos de  
Marcia.*

[34]

### SONETO XXXII.

Eu vi a Marcia bella, vi Cupido  
Com arco, settas, e cruel aljava,  
Com impeto sahir de donde estava,  
E voar para mim enfurecido.

Fugí; bradei: porém não fui ouvido;  
E o tyranno Rapaz que me buscava,  
Com huma, e outra setta me atirava,  
Até de todo me deixar rendido.

Atou-me as mãos com asperas cadeias,  
Sem o mover o sangue que corria  
Do roto coração, das rotas veias.

Antes, com frio rizo me dizia:  
«E não sabias tu, que Amor receias,  
Que nos olhos de Marcia Amor vivia?»

*Sobre a Ingratidão de huma Dama.*

[35]

### SONETO XXXIII.

Coração, de que gemes, de que choras?  
Que parece tens odio á propria vida!  
Se perdeste teu bem, foi mão perdida,  
Com te pôr a morrer nada melhora.

Eu bem sei que a belleza a quem adoras,  
Foi-te ingrata, e cruel, foi fementida;  
Mas que esperavas tu, se he lei sabida  
O mudar-se a Mulher todas as horas.

Socega, Coração, deixa a tristeza;  
Quem te mandou querer com fé tão pura,  
Quem te mandou mostrar tanta firmeza!

Erraste, tem paciencia, em fim procura  
Não fazer por Mulher jámais fineza,  
Acharás mais amor, maior ventura.

[36]

### CANTIGAS

*Feitas nas Caldas com o Estribilho:*

*Negras tristezas,  
Adeos, adeos.*

Não ha nas Caldas  
Melancolia,  
Dão alegria  
Os ares seus.

*Negras tristezas,  
Adeos, adeos.*

Sara-me a terra,  
E não as agoas:  
Não curão magoas  
Os banhos seus.

*Negras &c.*

Huns lindos olhos,  
Que o dia aclárão,  
Afugentárão  
Os males meus.

*Negras &c.*

Brandos sorrizos  
A furto dados  
Fazem dourados  
Os dias meus.

*Negras &c.*

Se entra nos banhos  
Marilia bella,  
Entra com ella  
O cego Deos.

*Negras &c.*

Alli tempéra  
Nas agoas puras  
As pontas duras  
Dos ferros seus.

*Negras &c.*

Enxuga as tranças  
Da Nynfa loura,  
E nellas doura  
Os farpões seus.

*Negras &c.*

Caldas ditosas  
Teu nome cresça,  
Alça a cabeça  
Até os Ceos.

*Negras &c.*

O pobre Anfriso,  
Que estas calçadas  
Deixou regadas  
Dos olhos seus,

*Negras &c.*

Hoje em triunfo  
De seus pezares  
Levanta altares  
De Gnido ao Deos.

*Negras &c.*

## **ENDECHAS.**

No sacro Templo

[37]

[38]

[39]

Que Amor habita  
Minha alma afflicta  
Fui immolar.

Na ruiva flamma  
Que silva ardendo  
A mão detendo  
Jurei-te amar.

Fumoso sangue,  
Mal findo o voto,  
Do peito roto  
Vi gotejar.

D'alma opprimida  
A insana pena  
Causou-lhe Elena  
Que soube amar.

[40]

Nos fidos peitos  
O morto lume  
Negro Ciume  
Hia ateiar.

Vulcano féro  
Ante Mavorte  
O rival forte  
Não póde olhar.

Dos desprezados,  
Que soffrem tanto,  
O rouco pranto  
Feria o ar.

Aqui jaz Delio  
Terno, e vencido.  
Sem de Cupido  
Premio alcançar:

[41]

Que Dafne esquiva,  
Com triste agouro,  
Em verde louro  
Vio transformar.

Pan segue a Nynfa,  
Que tanto adora;  
Seu fado chora  
Vendo-a mudar.

De tenras cannas  
Amor lhe manda,  
Que a frauta branda  
Vá fabricar.

Cercada Dido  
De angustias fêas,  
Ah falso Eneas!  
Se ouve bradar.

[42]

Seus lindos olhos  
Frouxos erravão;  
Em vão buscavão  
O vago mar.

Subtís enredos  
De acerbo dano  
Bifronte engano  
Eu vi tramar.

Por Thisbe bella,  
Que busca errante,  
Pyramo amante  
Vai acabar.

Conhece a amada

[43]



O infeliz erro,  
Ousa impio ferro  
Em si cravar.

Serve-lhe a terra  
De duro leite,  
Vê-se-lhe o peito  
Inda arquejar:

As pardas sombras;  
Que Amor mistura,  
Na Estyge escura  
Vão aportar:

Desenrugando  
A crespa fronte,  
Lédo Acheronte  
As foi buscar.

E eu combatido [44]  
De mil pezares  
Vou pelos ares  
A suspirar.

Sei ser-te amante  
Sem premios vivo,  
Este o motivo  
Do meu penar.

Vês mil exemplos,  
E jámais pensas  
Que póde offensas  
Amor vingar.

Ah! sê piedosa:  
As cruas penas  
Torne serenas  
Teu brando olhar.

*Em dia dos annos do Illustrissimo Principal  
Almeida.* [45]

Por mais que esse sangue honrado  
Vos inspire os pondonores  
De merecer os louvores  
E não querer ser louvado,  
Este dia he consagrado  
A elogios soberanos:  
Sem vir enfeitar enganos  
Com mão venal, e fingida,  
Em contar a minha vida  
Louvarei os vossos annos.

Tecêrão-me em baixo estado  
A Fortuna, e a Natureza:  
Entre os braços da Pobreza  
Fui desde o berço lançado.  
Pelas vossas mãos alçado  
Quebrei da desgraça o fio:

Se da crua fome, e frio [46]  
Livro o Pai, livro os Irmãos,  
He obra das vossas mãos,  
E faz o vosso elogio. [71]

[47]

**MOTE.**

*Olhos de Lize, olhos bellos,  
Olhos para mim fataes,  
Que hum vosso girar sómente  
Me faz temer mil rivaes.*

**GLOZA.**

Da alva Lize os brancos dentes,  
O rosto affavel, e brando,  
A boca, donde em fallando  
Ficamos todos pendentos,  
Nos lizos hombros patentes  
Soltos os longos cabellos  
Não são causa dos desvellos,  
Nem das ancias em que vivo:  
Vós sois, vós sois o motivo,  
Olhos de Lize, olhos bellos.

Vós sois os meus vencedores,  
E sois gloria do vencido: [48]  
De vós me atira Cupido  
Mil farpados passadores.  
Se vence o Deus dos Amores,  
Vós as armas lhe emprestais.  
Que ternos saudosos ais,  
Que pranto em vão derramado,  
Me não tendes vós custado,  
Olhos para mim fataes!

Se o rosto ao Ceo levantado  
Alçais as pestanas pretas,  
Logo de brilhantes setas  
Vejo todo o ar cruzado.  
Cupido, que tem jurado  
Crua guerra á humana gente,  
Das nuas costas pendente  
Dura aljava, e passadores,  
Fará conquistas menores  
Que hum vosso girar sómente.

Quando desses claros lumes [49]  
Sahem as chammas brilhantes;  
De mil rendidos amantes  
Ouço saudosos queixumes.  
Não chameis loucos ciumes,  
Ó Lize, os que em mim causaes:  
Do poder de huns olhos taes  
Quem ha que livrar-se possa,  
Se a menor perfeição vossa  
Me faz temer mil rivaes?

[50]

**MOTE.**

*Tu teimas em desprezar-me,  
Eu teimo em te idolatrar,  
Juntarei teima com teima,  
Teimando te hei de abrandar.*

**GLOZA.**

De ser comigo piedosa

Não dás, Marília, esperanças:  
Inda, cruel, não te cansas  
De ser esquiva, e teimosa!  
Que importa, ó Ninfa formosa,  
Vir neste pégo arriscar-me,  
De mergulho ao mar lançar-me,  
E os livres peixes colher-te;  
Se quanto eu teimo em querer-te,  
Tu teimas em desprezar-me?

C'os olhos ao Ceo erguidos,  
Ou postos nos longos mares,  
Por ti encho os vagos ares  
De mil saudosos gemidos:  
Nos rochedos desabridos,  
Que em vão bate o rouco mar,  
Devorando o meu pezar,  
Já que de ouvi-lo te cansas,  
Sem premio, sem esperanças  
Eu teimo em te idolatrar.

Teimando, se mal não penso,  
Hei de abrandar teus rigores;  
Porque assim como em amores,  
Tambem em teimas te venço.  
Juro pelo Sol intenso,  
Que a prumo estas rochas queima,  
Que mais do que eu ninguém teima.  
São as causas desiguais:  
Mas por vêr quem teima mais,  
Juntarei teima com teima.

Se alva fonte murmurando  
Gasta em torno os duros seixos,  
E vai dos annosos freixos  
As raizes escarnando:  
Se duras rochas quebrando  
Vai c'o tempo o bravo mar:  
Se bronzes póde cortar  
Mordente lima teimosa:  
Tambem eu, Ninfa formosa,  
Teimando te hei de abrandar.

#### **MOTE.**

*Não sei que quer a desgraça,  
Que atraz de mim corre tanto:  
Hei de parar, e mostrar-lhe  
Que de ve-la não me espanto.*

#### **GLOZA.**

Não sei que outro mal profundo  
Inda a desgraça me guarda,  
Se me tirou em Anarda  
O que tem de bom o mundo!  
Foi este golpe tão fundo,  
Que outro não tem que me faça:  
Se em levar-me o gesto, e a graça  
De huns olhos, por quem vivia,  
Me fez quanto mal podia,  
Não sei que quer a desgraça!

Debalde outros gostos pintas,  
Amor, para cativar-me:  
Já não tornas a enganar-me,

Por mais, e mais que me mintas.  
Inda tens as settas tintas,  
Inda enxugo inutil pranto:  
Ao teu venenoso encanto  
Novas victimas procura;  
E dá-lhe dessa ventura,  
Que atraz de mim corre tanto.

Fizeste, ó desgraça, hum erro  
Em vires do Amor valer-te:  
Como ha de elle socorrer-te,  
Se eu já conheço o seu ferro?  
Á sua voz o ouvido cerro:  
Custou-me sangue o escapar-lhe:  
E para melhor provar-lhe,  
Que eu já sou dos seus cortados,  
Sinaes inda mal fechados  
Hei de parar, e mostrar-lhe.

Tu só me déste hum desgosto,  
Outro já não pódes dar-me: [55]  
Já agora sempre has de achar-me  
A mesma alma, e o mesmo rosto,  
Se em ferros por ti for posto,  
Verás que ao som delles canto;  
Se envolta em sanguineo manto  
Me pões a morte diante,  
Notarás no meu semblante,  
Que de ve-la não me espanto.

[56]  
**MOTE.**

*Os meus olhos a chorar.*

**GLOZA.**

Pranto inutil são os meios  
Das pessoas desgraçadas:  
Pagai, lagrimas cansadas,  
Pagai delictos alheios.  
Já que de ouro cofres cheios  
Nunca pude a Nize dar,  
Já que devo em fim pagar  
Culpa, que só tem meus fados,  
Fiquem sempre condemnados  
Os meus olhos a chorar.

**MOTE.**

*Já disse tudo a Cupido.*

**GLOZA.**

Na vossa gentil figura  
Mil dôes natureza pôz:  
Todos cuidão que sois vós  
A Deosa da Formosura.

Venus mil vinganças jura,  
Vendo o seu culto esquecido:  
Vai de settas o ar ferido.  
Senhora, andai cuidadosa,  
Que a louca Deosa invejosa  
Já disse tudo a Cupido.

[58]

**MOTE.**

*Distancias, e saudades.*

**GLOZA.**

As nodosas carvalheiras,  
Que assombrão hermas estradas;  
Altas rochas, penduradas  
Sobre medonhas ribeiras;  
Duras, íngremes ladeiras,  
Escuras concavidades;  
São as tristes soledades,  
A quem meu cansado peito  
Conta o mal, que lhe tem feito  
Distancias, e saudades.

[59]

**MOTE.**

*Cantarei alegres penas,  
Que cercão meu coração.*

**GLOZA.**

Que eu cante alegre me ordenas?  
Que cruel, que dura Lei!  
Porém obedecerei,  
Cantarei alegres penas:  
Por todo o modo envenenas  
A minha infeliz paixão;  
Tu déras valor á acção  
De eu affectar alegrias,  
Se visses as agonias  
Que cercão meu coração.

[60]

**MOTE.**

*Nada no mundo figura,  
Quem não chega a ter amor.*

**GLOZA.**

Deos de Amor, sempre a ventura  
De tuas mãos pendente vi:  
Tu pódes tudo; sem ti  
Nada no mundo figura.  
Recolhe da terra dura  
Fructo immenso o Lavrador;  
Mas occulto dissabor  
No fundo da alma lhe diz,  
Que não chega a ser feliz  
Quem não chega a ter amor.

[61]

**MOTE.**

*Amor para me prender  
Os teus olhos me mostrou.*

**GLOZA.**

Mil bellezas me fez vêr,  
Porque alguma me rendesse,  
Não sabia o que fizesse  
Amor, para me prender.  
Mil laços me foi tecer,  
Laços vãos, que em vão me armou;  
Provadas settas tirou,  
Que hia em veneno ensopando;  
Porém só me rendi quando  
Os teus olhos me mostrou.

[62]

**MOTE.**

*A minha felicidade.*

**GLOZA.**

Cesse, ó Nize, o teu rigor:  
Esse odio injusto reprime:  
Perdem o nome de crime  
Os crimes que faz amor.  
Torne ao seu antigo ardor  
A nossa antiga amizade:  
Adoça a rigoridade  
Do penoso estado meu,  
E faze c'hum riso teu  
A minha felicidade.

[63]

**MOTE.**

*Quem adora occultamente  
Sem declarar seu amor  
Sente mil ancias no peito,*

**GLOZA.**

Por que barbara razão  
Hum justo amor se reprime,  
E ha de julgar-se por crime  
Pôr na boca o coração?  
Claros olhos ferir vão  
Hum coração innocente;  
Nem ao triste se consente  
Dar sinaes de seu cuidado!  
Deoses! quanto he desgraçado  
Quem adora occultamente!

No peito a chamma accendida [64]  
As entranhas lhe abrazou;  
Mas da ingrata, que a ateou,  
He crime ser percebida.  
Se deita sangue a ferida  
À vista do matador,  
Vejão de que nova dôr  
Sente o triste a alma cortada,  
Fallando co'a sua Amada  
Sem declarar seu amor!

Arde em hum fogo escondido:  
Pois se conta o seu cuidado,  
Além de ser desgraçado,  
Chamão-lhe em cima atrevido.  
Até quasi tem perdido  
De olhar o livre direito;  
Vive sempre contrafeito;  
E entre mil contrarios posto,  
Mostra alegria no rosto,  
Sente mil ancias no peito.

Busca alegres companhias, [65]  
Por curar o mal que sente:  
Entra a ingrata de repente,  
Despertão-se as cinzas frias.  
Ternas Arias, Synfonias,  
Tudo aviva o seu amor;  
Mas dos fados o rigor  
Tem sobre elle taes poderes,  
Que no meio dos prazeres  
Vive cercado de dôr.

[66]

**MOTE.**

*Nos olhos o amor explico  
Que trago no coração;  
Que não se póde occultar  
No peito a doce paixão.*

**GLOZA.**

Mandas-me, ó Anarda, em vão  
Os olhos meus reprimir;  
Que elles sempre hão de seguir  
O impulso do coração.  
Sem querer sinaes darão

Do affecto, que não público:  
Co'a boca, que mortifico,  
Que importa que o não revele,  
Se eu, por mais que me acautele,  
Nos olhos o amor explico?

Amor os faz descuidados:  
Em vão, Anarda, os abaxo;  
Pois dahi a pouco os acho  
Outra vez nos teus pregados.  
Trazellos mais castigados  
Não está na minha mão:  
Esta continua omissão,  
Este erro, como tu dizes,  
He hum fructo das raizes,  
Que trago no coração.

De que serve olhar a medo,  
E fallar acautelado,  
Se hum suspiro descuidado  
Vem descobrir o segredo?  
Este artificio, este enredo  
Pouco poderá durar:  
Meus olhos me hão de entregar;  
Que hum amor na alma arraigado  
He como hum fogo ateado,  
Que se não póde occultar.

Tempo, e arte tenho posto  
Para disfarçar-me em tudo:  
Mas sae-me perdido o estudo,  
Em vendo o teu lindo rosto.  
Disfarça-se mal hum gosto,  
Que nasce do coração:  
Tambem tu dessa lição  
Talvez que bem não sahiras,  
Se assim como eu sentiras  
No peito a doce paixão:

#### **MOTE.**

*Por passos sem esperança,  
Onde me leva o dezejo?*

#### **GLOZA.**

Vão pensamento, descança,  
Reconhece as forças minhas:  
Tu não sabes, que caminhas  
Por passos sem esperança?  
Junto da corrente mansa  
Me pões do dourado Tejo:  
Cá de longe o sitio vejo:  
Mas não devo hum passo dar,  
Que eu não mereço chegar  
Onde me leva o dezejo.

#### **MOTE.**

*Eu já tenho exp'rimentado  
As minhas inclinações.*



**GLOZA.**

Que nunca teu doce agrado  
De amizade simples passa,  
Por minha grande desgraça  
Eu já tenho exp'rimentado.  
Antes odio declarado,  
Que estas equivoções!  
Quero as ternas expressões  
De que as almas se alimentão:  
Com menos não se contentão  
As minhas inclinações.

*Ao mesmo Mote outra*

[71]

**GLOZA.**

Senhora, eu tenho encontrado  
No teu amor mil intrigas:  
Não preciso que mo digas,  
Eu já tenho exp'rimentado.  
São premios do meu cuidado  
Enganos, e ingratições;  
E por occultas razões  
São, inda que mo não dizes,  
Tão justas, como infelizes,  
As minhas inclinações.

[72]

**MOTE.**

*Ouvi, ó Senhora, ouvi  
Os suspiros de huma voz,  
Que quando por vós suspira,  
Aspira sómente a vós.*

**GLOZA.**

Chegou finalmente a hora  
De saberdes quem vos ama:  
Rebente esta antiga chama,  
Que ardeo occulta atégora.  
Amar callando, Senhora,  
Assaz o fiz atéqui:  
As ancias, que padeci,  
Sejão finalmente expostas...  
Ah! não me volteis as costas:  
Ouví, ó Senhora, ouví.

Perdei huma vez o horror  
A ouvir ternos gemidos;  
Nunca ferirão ouvidos  
Brandas palavras de Amor.  
Que hora, e que sitio melhor,  
Do que este em que estamos sós?  
Que culpa, que crime atroz  
Temeis que ante vós farão

[73]

As queixas de hum coração,  
Os suspiros de huma voz?

Meu coração vos adora;  
Sem saber o conquistais:  
Estas ancias, estes ais  
São obra vossa, ó Senhora.  
Em segredo amou atégora;  
De amor vive; amor respira;  
E se vós, depondo a ira,  
Lhe prometteis compaixão,  
Que melhor ocasião,  
Que quando por vós suspira?

Nelle, Senhora, não posso  
Nutrir estranha paixão:  
Em fim este coração  
Foi feito para ser vosso:  
Para encher-se de alvoroço  
Basta ouvir a vossa voz:  
Passa indiff'rente, e veloz  
Por mil bellezas, que admira,  
Nada o enche, a nada aspira,  
Aspira sómente a vós.

[74]

[75]

#### MOTE.

*Hei de amar-te até á morte,  
Quer tu me queiras, quer não:  
Serei no amor desgraçado;  
Mas com discreta eleição.*

#### GLOZA.

Não fujo, pódes rasgar  
Este peito desgraçado;  
Que o teu gesto retratado  
Has de, cruel, nelle achar.  
Posto que veja roubar  
Á Parca a tesoura forte,  
E dar-me na vida córte,  
Inda ouvirás, que te digo:  
«Ingrata, não me desdigo,  
Hei de amar-te até á morte.»

Vem, Amor, auctorizar  
O sagrado juramento  
De até ao final alento  
Firmemente te adorar.  
De joelhos, no Altar  
Co'a devida submissão  
Resoluto ponho a mão;  
Juro nas settas tremendas  
De te amar, quer tu me offendas,  
Quer tu me queiras, quer não.

[76]

Amor co'as mãos apressadas  
Ergue dos olhos a venda,  
E pasma da jura horrenda,  
Que assusta as aras sagradas.  
«Eis as correntes pezadas,  
Que te esperão,» diz irado.  
Eu as acceito humilhado,  
«Não, ó Deos, não esmoreço  
C'os ferros, posto conheço  
Serei no amor desgraçado.»

A Liberdade ultrajada  
Lança-me a revez a vista;  
Risca-me da honrada lista,  
E chama-me escravo irada.  
Não crimines indignada  
Esta nobre sujeição.  
Arrastro o ferreo grilhão;  
Mas por quem? Por Nize bella.  
Ah! sim te deixo por ella;  
Mas com discreta eleição.

[77]

**MOTE.**

*Toda a Mulher he perjura.*

[78]

**GLOZA.**

Triste solitario freixo,  
Mais triste do que eras d'antes,  
Conta, conta aos caminhantes  
A razão com que eu me queixo.  
Em teu tronco escrita deixo  
Minha funesta aventura:  
Reconta esta historia dura,  
Por que veja quem a ler,  
Que depois de Armida o ser  
Toda a Mulher he perjura.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Marquez de Penalva.*

[79]

Illustrissimo Penalva,  
Já que me dais protecção,  
Sentido na occasião,  
Porque bem sabeis que he calva.  
Se o vosso braço me salva  
Das crianças pertinazes,  
Se a poder das vossas frases  
Meu duro grilhão se corta,  
Por triumpho á vossa porta  
Pendurarei dous rapazes.

[80]

**MOTE.**

*De mil suspiros que eu dou.*

**GLOZA.**

Parto em fim desesperado,  
E sem que o motivo conte  
Vou a estranho horizonte

Chorar o meu triste fado.  
Já vejo o laço quebrado  
Que a ventura me forjou;  
E como Nize o quebrou,  
Conservando os olhos seccos,  
Ao menos não ouça os éccos  
De mil suspiros que eu dou.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Marquez de Penalva.*

[81]

Hontem soube o que podia  
Estilo suave, e brando:  
E quanto podeis fallando  
Eu o vi na Academia.  
Nas almas fogo accendia  
Vossa discreta Oração.  
Sobre a minha pertensão  
Vos peço que assim oreis,  
E que ao Principe falleis  
Como fallais á Nação.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Conde de Villa Verde.*

[82]

Mandais-me que os versos traga  
Que na almofada fallarão;  
Porque os outros vos ficarão  
Nas mãos da Illustre Arriaga.  
Essa honra he huma paga,  
Que elles nunca merecêrão:  
Se os seus olhos se puzerão  
Sobre tão baixa escriptura,  
Devo essa grande ventura  
Ás illustres mãos que os dérão.

Mas he do meu triste fado  
Tão teimosa a crueldade,  
Que até na felicidade  
Vejo que sou desgraçado:  
Pois devieis cautelado  
Segurar a occasião:  
Fingindo que errava a mão,  
Entre mil papeis diversos  
Podieis em vez dos Versos  
Dar-lhe a minha petição.

[83]

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Conde de Villa Verde.*

[84]

Assisti á Sagração,  
Acto, Senhor, dos mais serios,  
Que envolve augustos Mysterios  
Da nossa Religião.  
Lembrou-me crismar-me então  
Por ser acto Episcopal;  
Por permittir acção tal  
Que outro appellido se tome;  
Lembrou-me trocar o nome  
De Mestre em Official.

Busquei as horas melhores,  
E encommendei-me á fortuna;  
Cheguei, e para a Tribuna  
Tinhão já ido os Senhores.  
Pelos frios corredores.  
O bom Lima me encaminha;  
Foi-me pôr na tal portinha  
Onde os pertendentes vão  
Pôr os joelhos no chão,  
E os olhos na Rainha.

[85]

Co'a cabeça estopetada,  
Como quem dorme sem cama,  
Roto fumo, e alguma lama  
Sobre a casaca encarnada,  
Vi o tal que grita, e brada,  
Quer na Sala, quer na rua.  
Por mais que trabalha, e sua,  
Guarda-roupa he louca idéa:  
Como ha de guardar a alhêa  
Quem trata tão mal da sua?

Ao pé a figura rara  
Do pardo Cardeal astuto,  
Que para cumprir o luto  
Lhe basta mostrar a cara.  
Dos dous na justiça clara  
Grandes fundamentos acho;  
Mas fujo mais para baixo,  
E dispenso amigos taes,  
Por não ficarmos iguaes  
Na justiça, e no despacho.

[86]

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Conde de Villa Verde, quando morreo o  
Pai do Author.*

[87]

Peito de tanta bondade  
De bom Pai o nome preza;  
Levou-me hum a Natureza;  
Mas deixou-me outro a piedade.  
Amparai minha orfandade,  
Porque a vossos pés me humilho:  
Se não me abris outro trilho,  
Tal a minha estrada vai,  
Que irão co'a vida do Pai  
As esperanças do Filho.

*Vagando hum Officio que o A. pertendia.*

[88]

Jaz o defunto enterrado:  
E agora saber intento,  
Se a caso no testamento  
Me ficou algum legado.  
A vossos pés ajoelhado  
Ponho em vós minha esperança:  
Tenho Parte, e não descansa;  
E nesta causa infeliz,  
Se não fordes o juiz,  
Perderei de certo a herança.

Meu Doutor, bem sei que quer  
Que eu venha ás Ave-Marias;  
Mas olhe: ha huns certos dias  
Em que isto não póde ser.  
Dona Antonia Xavier  
(Que o Ceo por seculos guarde)  
Faz annos, e eu esta tarde  
Perco á Medicina o medo:  
N'outros dias virei cedo;  
Mas neste, ha de ser bem tarde.

[90]

**DECIMA.**

*A hum Prégador celebre (Fr. João Jacintho)  
estando jantando com o A.*

Se deste potente vinho  
Não cerceias as rações,  
Temo que nos teus Sermões  
Allegues só São Martinho.  
Se lhe dás largo caminho  
Pelo teu fecundo peito  
Seu fatal magico effeito  
Deixando-te a tres de fundo,  
Te fará ser o segundo  
Que diga: *sempre me deito.*<sup>[8]</sup>

*Carta a Lourenço da Mota, Official da  
Secretaria.*

[91]

Amigo Lourenço: Se tu não sabes o que he não ter dinheiro, eu to explico: Abaixo de Estupores he o maior mal do mundo, principalmente para quem herdou Irmãs sem nenhum rendimento, e com muito bom estomago.

Por vêr se aligeirava esta carga, empenhei-me em hum milhão para lhes comprar tenças, e em outro para lhas assentar; mas como as não cobrão, morrem de fome, e depois que são ricas, tornão-se a mim, e dellas aprendo o que são lucros cessantes, e damnos emergentes. Cuidei que tinha mettido huma lança em Africa, e vejo que a metti em mim mesmo; e arde agora a vela pelas duas pontas.

Tu que tens bom coração, e que estás ao pé do Senhor Marquez, que o tem melhor, pede-lhe por caridade o despacho dessa petição.

[92]

Não te assustem os tres annos; porque ainda mal que ouço que no de 93 não tiverão cabimento. Pede-lhe que já que me livrou de crianças, me livre tambem de velhas, gado ainda mais impertinente, e que se não contenta com figuras de Rhetorica. Interessa-te pelo teu Nicoláo, Amigo, e Collega, e sabe que, se lhe não mandas as Portarias, terás a vergonha de o vêr andar pelas outras. Recomenda-se á tua efficacia.

O teu fiel Amigo

*N. T.*

Peço que mates a fome  
 A este meu povo immenso,  
 E peço-te, meu Lourenço,  
 Pelo Santo do teu Nome.  
 Por hum bom serviço tome  
 A paga das taes tencinhas.  
 Pois teve as carnes mesquinhas  
 Em vivas brazas vermelhas,  
 Em louvor das suas grelhas  
 Peço me livres das minhas.

Com esta tenho enviado  
 Tres cartas, segundo penso,  
 Ao meu amigo Lourenço:  
 Nem reposta, nem mandado.  
 A dôr de que estou tomado  
 Sim desejo allivialla:  
 Mas a tua mais me aballa,  
 E parece mais intensa:  
 Pois eu sim fico sem Tença;  
 Porém tu estás sem falla.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
 Conde de Villa Verde, andando o A. na  
 pertençaõ de ser Official da Secretaria  
 de Estado.*

#### DECIMA.

Senhor, venho perguntar  
 Quando ides ficar no Paço:  
 Para que á força de braço  
 Lanceis esta não ao mar.  
 Sabe montes aplanar  
 Vossa discreta portia:  
 E pinta-me a fantasia,  
 A qual nem sempre me engana,  
 Que só na Vossa semana  
 Me ha de chegar o meu dia.

*Ao Juiz do Crime de Andaluz, dando-lhe este  
 parte que estava para casar, e mostrando-lhe  
 versos, que fizera á Noiva. He o  
 de que trata o soneto 33, Tom. I. pag. 35.*

Manoel, muda o cuidado,  
 Abafa essa chamma ardente:  
 Não falla hum são a hum doente;  
 Falla-te outro exp'rimentado.

Já servi ao Deos do engano,  
 Fôrte com forças alheias.  
 Passei nas suas cadeias  
 Apoz hum anno outro anno.

Prometteo-me alto favor;  
 Mas sabe, pois que comesas,  
 Que o que tive das promessas

Forão lagrimas, e dôr.

Não te deixes enganar  
Do rosto brando, e sereno:  
Tempéra em riso o veneno;  
Afaga para matar.

[96]

Com mil modos attractivos  
Chama a cega, e incauta gente:  
Lança-lhe dura corrente,  
E escarnece dos cativos.

Como trata os infelizes,  
Que andou outr'ora amimando,  
Meu peito to está mostrando  
Nesta frescas cicatrizes.

Até em cousas de peta  
Quer mostrar o seu rigor:  
Faz entrar n'hum prosador  
A mania de poeta.

Mas esses laços que trazes,  
Dom desse Deos inimigo,  
Talvez que sejam castigo  
D'outras prizões, que tu fazes.

[97]

Fere a muitos tua mão,  
Inda que tanto a reprimes,  
E vens a pagar teus crimes  
Com pena de Talião.

[98]

## MEMORIAL

*A Suas Altezas.*

Se os Principes nos são dados  
Para geral beneficio,  
E se o seu mais digno officio  
He ouvir os desgraçados:

Ouví minha desventura,  
E consentí que esta vez  
Se lastime a vossos pés  
Hum queixoso da ventura.

Sahirem humildes ais  
De hum peito singelo, e aberto,  
He o direito mais certo,  
Quando os Juizes são tais.

Fundadas sobre a verdade  
As minhas supplicas vão:  
Não peço por ambição,  
Peço por necessidade.

[99]

Em mim o cuidado cae  
De Irmãs postas em pobreza:  
A piedade, e a natureza  
Me fazem Irmão, e Pae.

Olhos em pranto banhados,  
Que eu sem dôr não posso ver,  
Vos fazem agora ler  
Estes versos mal limados.



São tristes Orfãs donzellas,  
E merecem suas dôres  
Que vós, Augustos Senhores,  
Hajais piedade dellas.

Por mais esforços que eu faça  
Como hei de dar-lhe favor,  
Se o seu triste bemfeitor  
Vive na mesma desgraça?

[100]

Da miseria as tirareis,  
Se eu da miseria sahir:  
Sobre muitos vai cahir  
O favor que me fazeis.

Vós, ó Augusta Princeza,  
Em quem o Ceo quiz juntar  
O melhor que pôdem dar  
A fortuna, a natureza,

Tende dó de seu lamento;  
E dai a mão favoravel  
A hum sexo respeitavel,  
De que vós sois ornamento.

A petição que vos faço  
Não he de facil indulto;  
Para pouco, fora insulto  
Valer-me do Vosso braço.

[101]

Não he facil, mas he justa:  
E será bem despachada,  
Se huma vez apresentada  
For por Vós á Irmã Augusta.

Principes, tende piedade:  
Ponde a meus queixumes pausa:  
Protegei na minha causa  
A causa da humanidade.

O que de Tito se diz,  
Hum Rei Vosso Avô dizia;  
Chamava perdido o dia,  
Se não fez alguém feliz.

Motivo de tristes ais  
Quaesquer mãos o pôdem dar;  
Más venturas emendar  
Só pertence a mãos Reais.

[102]

Dos homens, inda que ingratos,  
Ouve Deos os rogos justos:  
Vós, ó Principes Augustos,  
Sois na terra os seus retratos.

Mas já o tempo opportuno  
Apressa as azas escassas,  
E não devo ás mais desgraças  
Ajuntar a de importuno.

Acabe a triste escriptura,  
Digna por tal de piedade:  
Eu dei-lhe pranto, e verdade,  
Vós podeis dar-lhe ventura.

*No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo  
Senhor Conde de Villa Verde.*

[103]

Não venho dourar enganós;  
A vida não he louvor;

Pois tambem vivem Tyrannos:  
Eu venho, illustre Senhor  
Louvar obras, e não annos.

De homem commum não se exime  
Quem não tem virtudes claras:  
He pouco fugir do crime:  
Consagrão-se as almas raras  
A trabalho mais sublime;

A trabalho heroico: e creio  
Pelo provado aforismo,  
Que em sãos Filozofos leio,  
Que o verdadeiro heroismo  
He fazer o bem alheio.

Taes trabalhos honra dão  
Á digna mão que os procura:  
Não amo Heróes da ambição:  
Buscão a sua ventura;  
Vós buscais a da Nação.

[104]

Serem por vós levantados  
Os talentos esquecidos;  
Do triste os ais desprezados  
Serem aos Reaes Ouvidos  
Pelas vossas mãos levados;

De quem a vós se acolheo,  
Remediar o queixume;  
Ter como proprio o mal seu;  
He este o vosso costume,  
E o genio que o Ceo vos deo.

E o Throno aos Povos propicio,  
Que vigia em seu favor,  
Fez-lhe o geral beneficio  
De mandar, que em vós, Senhor,  
O que he genio fosse Officio.

Partio Officios pezados  
Com quem os servisse bem:  
São projectos acertados:  
Quem do Throno o sangue tem,  
Tenha tambem os cuidados.

[105]

Dai aos gratos Lusitanos  
Longo tempo Mão segura  
Contra injustiças, e enganos;  
E seja a sua ventura  
O louvor dos vossos Annos.

Mas, Senhor, moços Poetas  
Vinguem meus esforços vãos:  
Musas zombão de Jarretas:  
Pedem-me as tremulas mãos,  
Mais do que Lyra, muletas.

Fogosos Vates emprehendão  
Altos vôos neste dia:  
Musas com Musas contendão:  
Sáião Odes á porfia;  
E queira Deos que se entendão.

[106]

## QUINTILHAS

*Em louvor de huma Senhora.*

Lyra minha, rouca lyra,  
Hoje afinada consente,  
Que a tremula mão te fira:  
Cante huma só vez contente  
Quem por costume suspira.

Louvemos Anarda bella;  
Eu vejo aos astros subir  
Meus versos em honra della,  
E possa quem os ouvir  
Adora-la antes de vê-la.

Já lédo as vozes desato:  
Ouve, ó Nynfa, os teus louvores:  
Não pertendo ser-te grato  
Traçando com vivas cores  
Teu angelico retrato.

Permitte, Anarda piedosa,  
Que se farte o meu desejo  
N'outra empreza mais gloriosa;  
Que o menor dom que em ti vejo,  
He o dom de ser formosa.

[107]

Rubra boca, os olhos bellos,  
Que brandamente movidos,  
São de Amor agudos zelos;  
Sobre alvo collo esparzidos  
Louros ondados cabellos;

Braço airoso, a mão de neve;  
Proporcionada cintura;  
Eis a tua copia breve:  
Porém vòa a formosura  
Nas azas do tempo leve.

Outros bens mais duradouros  
Não são á tua alma esquivos,  
Bens que nos annos vindouros  
Valem mais que huns olhos vivos,  
Que huns soltos cabellos louros.

A destruir a belleza  
A curva velhice corre:  
Nada conserva firmeza;  
Só a virtude não morre:  
Vence as leis da Natureza.

[108]

Tu, que prezas a verdade;  
Que trata falsos sujeitos  
Só com a côr de amizade,  
E para os sinceros peitos  
Mostras ter sinceridade;

Tu, que os enganos deslizas;  
Que sabes vencer desgostos;  
Que a lisonja ufana pizas;  
Que não vês sómente os rostos;  
Que até corações divizas;

Tu, que da seria prudencia  
Segues os dictames puros;  
Que tens amado a innocencia,  
E nos conselhos maduros  
Mostras de idade experiencia;

Teu nome eterno ha de ser  
Estampado entre as estrellas;  
Has de as mais Nynfas vencer,  
Que sómente em serem bellas  
Fundão todo o seu poder.

[109]

Amão a fofa vaidade;

Dos homens a seu sabor  
Prendem a solta vontade:  
Trazem nos olhos amor,  
No coração falsidade.

Muitas fingem desprezar  
Finezas de amante rude;  
Fingem os sabios amar:  
Não o fazem por virtude,  
Querem talentos mostrar.

De que serve huma alma pura,  
Se os pezados membros cobre  
Rota humilde vestidura?  
Nada val hum peito nobre  
N'huma grosseira figura.

Corpo esbelto, onde ajustado  
Brilha, cheio de ouro immenso,  
Curto fraque afrancezado;  
Cheiroso, candido lenço;  
O cabelo apolvilhado;

[110]

Jocosas palavras ôcas;  
Estes os dons relevantes,  
Que deixão de vencer poucas  
Das que fingem ser amantes,  
E não passão de ser loucas.

Tu tens outro entendimento:  
És sempre igual: não te vales  
Das côres do fingimento:  
Quer séria, quer rindo falles,  
Não fundas torres no vento.

Rís da baixa adulação,  
Mal que os teus ouvidos toca  
A contrafeita expressão:  
Conheces na falsa boca  
O enganoso coração.

Ver sobre molle tapete,  
Curvando as pernas, e os braços,  
Peralta de alto topete,  
Com destros miudos passos,  
Dançar Francez minuete;

[111]

Vê-lo nutrindo esperanças  
Entre agradaveis parceiras,  
Fazer rapidas mudanças,  
Torcendo as mãos nas ligeiras  
Buliçosas contradanças;

Fervente rebeca ouvir,  
Que infunde vivos prazeres,  
Jámais te faz distrahir;  
Pois antes dos Sabios queres  
Sabios conceitos ouvir.

Só te vejo attenta em quanto  
Ouves palavras discretas;  
As Musas estimas tanto,  
Que até dos tristes Poetas  
Te commove o triste pranto.

Conheces seu duro mal;  
Que sempre tributão fé  
A coração desleal:  
Que por isso em todos he  
A tristeza natural.

[112]

Que ás Nynfas endurecidas  
Lhes não causão terno effeito;  
Que triunfão das fingidas,  
Guardando dentro do peito

Inda frescas as feridas.

Porém já que ouzei fallar  
De Amor nas sanguineas reixas,  
Vou a lyra pendurar:  
Não quero com minhas queixas  
Teus louvores misturar.

Tu dirás que não tens parte  
No meu mal cruento, e fero;  
Que vou tristezas lembrar-te;  
Dirás que affligir-te quero,  
Quando desejo louvar-te.

Não te debes admirar:  
Sei que em vão me estou queixando;  
Mas quem sente o seu pezar,  
Se principia cantando,  
Sempre acaba a suspirar.

[113]

[114]

### QUIXOTADA.

Espicaça esse animal,  
Companheiro Sancho Pança,  
Entremos em Portugal,  
E vamos molhar a lança  
A pró do triste Pombal.

Poetas principiantes,  
Já estou em circo raso:  
Tambem Apollo he Cervantes,  
Tambem cria no Parnaso  
Seus cavalleiros andantes.

Não vos chamo, ó sujo rancho,  
Que até os versos errais;  
Em tal sangue as mãos não mancho:  
Para vós, e outros que taes  
Sobeja a espada do Sancho.

Sobre vós carrego a mão,  
Sobre vós, ó folhas velhas,  
Que dais n'hum homem no chão,  
Sem vos lembrar, que entre ovelhas  
He fraqueza ser leão.

[115]

Essa boca enganadora,  
Que he hoje da maldição,  
Mil vezes se poz outra hora  
Sobre a praguejada mão,  
E lhe chamou bemfeitora.

Pois já que vós sois assim,  
Povo revoltoso, e ingrato,  
Hoje castigar-vos vim:  
Ireis pelo pó do gato,  
Nem esp'reis quartel em mim.

Santo Téjo, o curso enfreia,  
E montando rochas duras  
Torna atraz a clara veia:  
Conta novas aventuras  
À formosa Dulcineia.

Nova guerra o mundo veja,  
Guerra em que pouco se arrisca:  
Serão armas na peleja,

[116]

Provado fuzil, e isca,  
Secca, espinhosa carqueja.

Irmão Sancho, põe-te a pé,  
Põe essas Rimas a prumo,  
Principio á obra se dê,  
Tolde o ar o negro fumo  
Deste novo Auto da Fé.

Queima essas Satyras frias,  
Faltas de sizo, e conselho:  
Queima prosas, e poesias:  
Acabe o cansado velho  
Em paz os seus tristes dias.

Porém poupa sempre alguma  
Das raras que tem sabor:  
Das outras nem deixes huma,  
Dessas que tudo he rancor,  
E poesia nenhuma.

Em tanto as armas pendura:  
Mas se houver desassizados,  
Que queirão guerra mais dura,  
Da minha lança cortados  
Descerão á sepultura.

[117]

Já nuvens de fumo vejo:  
Já chamma brilhante o arreda:  
Já se farta o meu desejo;  
Já da viva lavareda  
Dá o clarão sobre o Tejo.

Essas cinzas denegridas,  
Que ao velho poupão mil magoas,  
Leve-as o Téjo envolvidas,  
Fiquem no fundo das aguas  
Para sempre submergidas.

Vês, Sancho, do nome meu  
Como vò a clara fama?  
Nem viva alma appareceo  
A apagar a voraz chamma,  
Ninguem, ninguem se atreveo!

Vês como ajuda o destino.  
A hum bom cavalleiro andante?  
Não precisei de aço fino,  
Nem de pés de Rocinante,  
Nem de elmo de Mambrino.

[118]

Ó tu que alçaste a viseira  
Forcejando os nervos velhos,  
E para ver a fogueira  
Limpaste os olhos vermelhos  
Na felpuda cabelleira:

Abaixa a proa huma vez,  
Chega a Dulcinea bella,  
E dize posto a seus pés:  
«Formosissima Donzella,  
Eu sou hum triste Marquez,

«Que fugindo a hum povo inteiro,  
A quem mettêra em furor  
Minha privança, e dinheiro,  
Vim achar mantenedor  
Em teu nobre cavalleiro.

«Disse este povo malvado,  
Que eu tinha o reino extorquido;  
Que era gatuno afamado,  
E que em jogos de partido  
Tinha com todos levado;

[119]

«Que no Tabaco levava  
Hum quinhão avantajado;  
Que o Sabão não me escapava;  
E que sem ser Deputado  
Nas Companhias entrava.

«Das minhas Leis murmurarão:  
E os seus pequenos juizos  
Tão pouco o ponto tocarão,  
Que sempre me serão precisos  
Assentos que as declararão.

«Té na lingua sem motivo  
Dêrão criticos revezes:  
Fiz nella estudo excessivo,  
Bebi nos bons Portuguezes  
*Monopolio, e respectivo.*

«Disse mais o povo insano,  
Que perdi de Roma o trilho;  
Que fui Sultão soberano;  
Que andei cazando meu filho  
Segundo o rito Othomano.

[120]

«Mas toda a maldade he sua:  
Vêm riquezas, e palacio,  
Comem-se de inveja crua:  
São huns novos cães de Horacio  
Ladrando debalde á lua.

«Já se me dá pouco, ou nada  
Da sua guerra pequena:  
Tenho gente em campo armada,  
Tenho Mendoça co'a penna,  
E Dom Quixote co'a espada.»

Esta falla, ou outra igual  
Acabada, meu Marquez,  
Faze rev'rencia formal,  
E arrastra os gotozos pés  
Para a villa do Pombal.

Nella vive descansado,  
Porque as aguas vão serenas;  
Sempre Ministro de Estado,  
Mandando cousas pequenas  
No teu Lopes encostado.

[121]

Junto á Estatua vil canalha  
Desprende as lingoas tyrannas:  
E se esta rude gentalha  
Arrancar com mãos profanas  
A carrancuda medalha:

Armas em ouro gravadas  
Ser-te-hão por mim erigidas,  
E por ti mesmo traçadas,  
Em sangue humano tingidas,  
E com mil leis penduradas.

[122]

## ODE

*Offerecida a SS. MAGESTADES, no dia  
da Acclamação da Rainha N. Senhora.*

MAGESTADES; o medo justo de mandar huma voz fraca, e desconhecida aos ouvidos de Reis, prenderião hoje a minha lingoa temerosa, se o amor da Patria, e o gosto de a ver feliz, dando-me novo espirito, me não puzessem na boca esta lingoagem, de huma alma singela, estes versos sem arte dictados pelo amor respeitoso, e que em lugar de enganosa, e enfeitada poesia, descubrem unicamente os sentimentos de hum coração fiel, onde VV. MAGESTADES reinão Soberanamente.

Neste Throno, a que poucos Monarcas sobem, tem a Nação Portugueza collocado a VV. MAGESTADES por aquelle talento de agradar, dom do Ceo, precioso, e raro na Sagrada Pessoa dos Reis, que querem (como VV. MAGESTADES conseguirão) ser acclamados pela alegria publica, e pela torrente de lagrimas, com que hum povo inteiro, transportado de gosto, levantava às estrellas os Augustos Nomes de seus novos Reis. Eu vi, Senhores, este grande espectaculo; foi huma scena de ternura, que arrancaria lagrimas ainda a hum coração que não fosse Portuguez. Vi soldados velhos, que endurecidos ao frio, e á calma, queimados com o fogo da polvora, annunciavão hum coração de ferro, banharem pela primeira vez de lagrimas ternissimas aquelles honrados rostos, aquellas cerradas feridas, que recebêrão pela Patria, e que tornarião a abrir com gosto, se o felicissimo Reinado de VV. MAGESTADES não estivesse destinado á paz, e á felicidade dos seus povos; era preciso ser insensivel para que no meio de hum povo entregue á doce, e tumultuosa desordem, que cansa a alegria excessiva, se conservasse a minha alma na sua situação ordinaria; prendeo nella huma faisca do fogo sublime, que eu vi atear nos corações Portuguezes: a alta idéa das Virtudes de VV. MAGESTADES, a multidão de beneficios com que vemos dourados os dias do seu faustissimo Reinado, huma longa serie de felicidades aberta no futuro diante dos meus olhos, me levarião a través do povo, e das armas ao Throno dos Reis, onde á face do Ceo, e dos homens me desentranhasse em gritos de alegria, e mostrasse nesta especie de delirio, que o coração de VV. MAGESTADES não trabalha para ingratos; mas o profundo, e sagrado respeito, que pôde suffocar em mim este impeto de ternura, não pôde fazer callar-me; levado da invencivel força do amor, e do reconhecimento, me atrevo a pôr na Real presença de VV. MAGESTADES grandes cousas em máos versos; ponho a simples verdade, ponho os votos da Nação, e algumas das muitas acções de piedade com que VV. MAGESTADES tem mandado contentes os que levão por valia a razão, ou as desgraças. Se VV. MAGESTADES do alto do Throno se dignarem lançar os olhos sobre estes humildes versos, reconhecerão nelles não o Estro que faz Poetas, mas o que faz vassallos amantes de seus Soberanos. Estro sublime, e que deve tocar mais no coração dos Monarcas, do que o das Odes famosas de Pindaro, e de Horacio, cheias da mais bella poesia; mas filhas da arte, e da lisonja, e onde não fuzila aquella luz de verdade, que dará logo nos Reaes olhos de VV. MAGESTADES, se eu tiver a incomparavel honra de que este papel seja apresentado diante do Augusto, e Respeitavel Throno dos Pais da Patria, dos Amigos, dos Bemfeitores, dos Reis adorados da felicissima, e sempre fiel Nação Portugueza.

[123]

[124]

[125]

[126]

## ODE.

Das virtudes guiados  
Subí ao alto Throno, oh Reis Augustos;  
Nem sempre esquivos fados  
Se nos hão de mostrar surdos, e injustos:  
Abrem vasto thesouro,  
E nos mandão por Vós a Idade de Ouro.

Do Rei aos Ceos erguido  
O Reino, e o coração tendes herdado,  
Benigno, enternecido,  
De mil virtudes solidas dotado;  
Por genio piedoso,  
E digno em fim de tempo mais ditoso.

Da Eterna Providencia  
Os beneficos raios fuzilárão;  
Já se estima a innocencia,  
Já os tempos de Ferro se abrandárão,  
Já vem o ar talhando  
A Piedade, e a Justiça os braços dando.

[127]

Com subita alegria  
Tornai a ver os conhecidos lares,  
Tornai a ver o dia,  
Vós que habitastes horridos lugares,  
Lugares deshumanos  
Onde passastes dez, e outros dez annos.



Do chão desentranhados  
Vinde jurar os novos Reis felizes:  
Nos pulsos descarnados  
Mostrai ao Povo as roxas cicatrizes,  
E os grilhões inda quentes  
Na praça triunfal deixai pendentos.

Que lagrimas levaste,  
Patrio Téjo, na tua escura veia  
Quando turvo passaste!  
E as ondas, que quebravas sobre a areia,  
Que cinzas que regárão!  
Que triste sangue para o mar levárão!

Mas torna, oh manso Téjo,  
Torna a volver corrente prateada:  
Já taes males não vejo:  
E até já foge a nuvem carregada,  
Que á triste Lusa terra  
Promettia fatal, e pronta guerra.

De pelouro violento  
Não vê cahir o exangue companheiro;  
E dorme ao som do vento  
Em campo aberto o molle pegureiro;  
O lavrador cantando  
Em paz herdados campos vai cortando.

Da sorte das batalhas  
Livrai, Piedosos Reis, os Portuguezes;  
Pendurem duras malhas,  
E os temperados lucidos arnezes  
Os ardidos soldados  
Das lagrimosas Mães em vão chamados.

Que dias florecentes  
Ao vosso fiel povo preparastes!  
Quando com mãos prudentes  
O pezo dos negocios espalhastes  
Sobre os hombros robustos  
De Ministros inteiros, sabios, justos.

Gemêo maniatado  
Longo tempo o infeliz merecimento;  
Mas já, o collo alçado,  
Sacode o negro pó do esquecimento,  
E a virtude innocente  
De illustres palmas lhe coroa a frente.

Já vingadas serãõ  
Do vil tutor as timidias donzellas;  
Já não erguem em vão  
As mãos, e os tristes olhos ás estrellas;  
Nua de falsidade  
Aos ouvidos dos Reis chega a verdade.

Mil louvores lhe cantão,  
O limpo coração pondo no rosto:  
E n'alma lhe levantão  
Novo Throno, sobre ella melhor posto,  
Que entre espessas falanges,  
Que sobre ouro, ou perolas do Ganges.

Novos Reis Soberanos,  
Que hoje as rédeas tomais do Reino vosso,  
Os Fastos Lusitanos  
Dirão de Vós o que eu dizer não posso:  
Vossa Augusta Memoria  
Abrirá largo campo á longa Historia.

Sem trabalho podeis  
Fazer feliz a gente Portugueza,  
Seguindo as santas leis,  
Que n'alma vos gravou a Natureza,  
A rara humanidade

[128]

[129]

[130]

[131]

**ODE**

A rouca Lyra, Musa, temperemos,  
Cordas de ouro lhe ponho:  
O triste Boticario em paz deixemos,  
E o Gamaõ enfadonho;  
Inspira-me huma vez sonoros hinos,  
Que Apollo julgue deste dia dinos.

Ensina-me a louvar do Illustre Angeja  
Talentos sup'riores;  
Que soffreo os assaltos d'alta inveja,  
Como soffre os louvores;  
Cuja alma não conhece vís mudanças,  
Ou corrão tempestades, ou bonanças.

Sem temor estalar o raio ouvia,  
Que ao perto fuzilava;  
O recto coração tendo por guia,  
Seguro caminhava;  
Em vão medonha tempestade freme,  
Seu grande coração só crimes teme.

[133]

Ao pé do Throno Augusto em fim chamado  
Venceo a crua inveja;  
Quem no Conselho o poz dos Reis ao lado  
Não foi sangue de Angeja,  
Não foi de Hespanha antigo Filhamento,  
Foi sã justiça, foi merecimento.

Não revolve a Real Genealogia  
De Henrique, e de Fernando;  
Os são louvores deste grande dia  
De ti mesmo tirando,  
Só louvarei com paternaes façanhas  
Quem seu nome dever a mãos estranhas.

Vias correr teus dias socegados  
Nutrindo esse alto esp'rito  
No que ficou dos seculos dourados  
Em prosa, ou verso escrito;  
Recolhendo na próvida memoria  
De estranhos Reis, e de teus Reis a historia.

[134]

Outras vezes rasgando á vasta terra  
Seu peito cavernoso,  
Ou descobrindo quanto o mar encerra  
De raro, e precioso,  
Profundavas com seria madureza  
Os segredos da occulta natureza.

De tão doces estudos arrancado  
Por mais altos destinos,  
Da Lusa gente, e de seus Reis chamado  
A empregos de ti dinos,  
Sacrificas aos novos Soberanos  
De maduro saber teus cheios annos.

Permitta o Ceo que em taes trabalhos vivas  
Claro nome estendendo;  
E que as douradas horas fugitivas,  
As azas encolhendo,

[135]

Fação que o tempo demorando o passo  
Sinta a fouce cahir do frouxo braço.

Que cem vezes raiando este bom dia  
O Oriente esclareça;  
Que imperturbavel solida alegria  
Com elle te amanheça;  
Que em naturaes ternissimos affetos  
A mão te beijem Netos de teus Netos.

Mas deixa, ó Musa, a frouxa poesia  
Para assumptos menores;  
Não profanem de Angeja a gloria, e o dia  
Importunos louvores;  
Pois inda que soubesses dirigi-los,  
Quer merece-los; mas não quer ouvi-los.

Engana-te o dezejo, que te inspira,  
Reconhece o teu erro;  
Se vês, que só ajustão nesta lyra  
Negras cordas de ferro,  
Não torças, não, teu misero fadario:  
Torna ao Gamão, e ao triste Boticario.

[136]

[137]

## ODE

*Ao Senhor D. Domingos de Assís Mascarenhas.*

Clio huma setta tira  
Da aljava de ouro, que pelo ar vazio  
Longe correndo fira  
Junto ao Mondego saudoso rio:  
Alli em torno ás suas margens võe,  
E por feliz tres vezes o apregõe.

As claras aguas regão  
Plantas bellas, fecundas, generosas:  
Com desvelo se empregão  
Em cultiva-las mãos industriosas:  
Quão doces fructos, quão cheirosas flores  
De taes aguas, taes plantas, taes cultores:

Ergue, illustre Mondego,  
Ergue tua cabeça sobre as agoas:  
Assás no fundo pégo  
Choraste hum tempo tuas tristes magoas.  
Olha teus campos como esmalta agora  
Em formosa união Pomona, e Flora.

[138]

Ó seio de candura,  
Mascarenhas, Tu és o alvo, a méta,  
Que anciosa procura  
Da minha Clio a empennada setta.  
Tu na alma paz, na sanguinosa guerra  
Pódes ornar a tua, e alheia terra.

Mas boa sorte mude  
Meu dito, e a outra parte te não chame  
E onde tanta virtude  
Tem a raiz, os fructos seus derrame;  
Nem menos tempo o Sol illustre, e aquente  
A quem o vio desde o seu claro oriente.

Porém, se he ordenado  
Da Providencia sabia, santa, eterna,  
Christão peito humilhado

[139]

Adora o Summo Ser que assim governa:  
Antes se goza, e dentro n'alma estima  
Que Astro tão bello alegre mais d'hum clima.

Entre tanto diffunde  
Na Patria tua luz copiosa, e clara;  
Que, se logo confunde  
Os fracos olhos, depois guia, e aclara.  
Arda ante incertos pés (e gritem vicios)  
Alta tocha, que mostre os precipicios.

Constancia! que guardado  
Está o galardão a teus suores,  
Onde em cume estrellado  
Vibra o Templo da Gloria resplandores.  
Dalli olhos não tires; que ao trabalho  
He doce viração, he fresco orvalho.

Tu, e esse Coro illustre  
De mancebos Heróes, que se obrigarão  
A dar ao mundo lustre,  
Quando o alto sangue dos Avós herdarão;  
Concebei novo fogo, e novo brio  
Ouvindo onde vos chama a minha Clio.

[140]

Oh, se alguém me puzesse  
Nas margens do Mondego claro, e frio:  
Certo me não vencesse  
Cysne de Dirce sobre o patrio rio.  
Alli tão docemente vos cantára,  
Que a ouvir-me feras, montes abalára.

Mas engenho ir recusa  
Onde ir Amor, e Gratidão me incita:  
Nescia, se o esperas, Musa!  
Não corre lasso pé 'strada infinita.  
Almas illustres, haveis sómente  
O dom sincero de hum dezejo ardente.

Só mal sonora rima,  
Que sem veia forjou saudade, e zelo,  
Lerão o amavel Lima,  
O sabio Castro, e o profundo Mello,  
Pedras, que tu mal soffres, ó Lisboa,  
Faltarem tanto tempo á tua c'roa.

[141]

*Em louvor da Saude.*

[142]

### ODE.

Não procura palacios sumptuosos  
A brilhante Saude;  
O seu rosto agradavel, e rizonho,  
Até aos Reis se esconde:  
Ella faz com que seja venturozo  
O roto Peregrino,  
Se entre a negra gadelha, lhe apparece  
Hum semblante sadio.  
O Captivo Remeiro fatigado,  
Do ardente Sol não fuja:  
Em ferros envolvido o duro corpo,  
Trabalhe o dia inteiro:  
O queimado semblante ande banhando  
De violento suor:  
Apressado mastigue, e poucas vezes,  
O corrupto biscoito:  
Mas tenha o rosto alegre, e socegado

[143]

Entre as duras prizões,  
 Se á pallida doença não tem visto  
 O macilento aspeito;  
 Se com braço membrudo, e vigorozo  
 Força o remo pezado.  
 Inda sinto inflammar-me em teus louvores,  
 Oh Saude aprazivel!  
 Tu és Filha do Ceo, Mãi da alegria,  
 Dom de Deus Piedoso.  
 Se os miseros mortaes expõem a vida  
 Por danozas riquezas;  
 Por ellas que farião, se servissem  
 De te fazer propicia?  
 Filha do Ceo benigno, se te déras  
 Por ouro, ou fina prata,  
 Eu não temêra as tempestuosas ondas  
 Do fervido oceano:  
 Nos occultos sertões iria entrando  
 Co'a mesma côr no rosto;  
 Não me assustára o dente venenozo  
 Da enroscada serpente;  
 Do fertil oriente nos outeiros  
 Cavaría anciozo,  
 Por ver se das entranhas te trazia  
 Abundantes thesouros.  
 Mas a bella Saude, he dom celeste;  
 Com ouro não se compra:  
 Ella foge dos impios, que se assentão  
 A saborozas mezas;  
 Que adormecem em leitos guarnecidos  
 De preciosas sedas;  
 E vai guardar, com pródigo cuidado,  
 O simples Pescador,  
 Que sobre ásperas rochas, sem abrigo  
 Aos rigorozos tempos,  
 Vai nutrindo no corpo mal vestido  
 Hum coração sincero;  
 Que humilde sabe erguer ao Ceo piedozo  
 As innocentes mãos.

[144]

**FIM.**

**INDICE.**

**SONETOS.**

<i>A Sua Alteza</i>	Pag. <a href="#">3.</a> <a href="#">4.</a> <a href="#">31.</a>
<i>Sahindo Conselheiro da Fazenda o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Diogo de Noronha</i>	<a href="#">5.</a>
<i>Aos leques mui pequenos, chamados Marotinhos</i>	<a href="#">6.</a>
<i>O cruel Disfarce</i>	<a href="#">7.</a>
<i>Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Visconde de Ponte de Lima, Secretario de Estado</i>	<a href="#">8.</a>
<i>Fazendo annos a Illustrissima, e Excellentissima Senhora Marqueza de Angeja</i>	<a href="#">9.</a>
<i>Aos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Avintes</i>	<a href="#">10.</a>
Estando nas Caldas	<a href="#">11.</a>
A huns Annos	<a href="#">12.</a>
Ao Disfarce das Mulheres	<a href="#">13.</a>

[146]

<i>A huma Camponeza</i>	<a href="#">14.</a>
<i>A huma Dama interesseira</i>	<a href="#">15.</a>
<i>Ao faustissimo dia da Inauguração da Estatua Equestre d'El-Rei Fidelissimo o Senhor D. José I.</i>	<a href="#">16.</a>
<i>Descrição de Badajoz</i>	<a href="#">17.</a>
<i>Á Serenissima Princeza entrando no banho</i>	<a href="#">18.</a>
<i>Levantando-se o Author da meza de hum Grande por serem horas de ir para a Aula</i>	<a href="#">19.</a>
<i>Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Penalva, chegando o Author á Quinta das Lapas</i>	<a href="#">20.</a>
<i>Descrição de hum Peralta amaltezado</i>	<a href="#">21.</a>
<i>Aos Annos do Serenissimo Principe N. Senhor</i>	<a href="#">22.</a>
<i>A hum Leigo Arrabido vesgo</i>	<a href="#">23.</a>
<i>Aos Toucados altos</i>	<a href="#">24.</a>
<i>Mettendo a ridiculo humas Contradanças</i>	<a href="#">25.</a>
<i>Por occasião de estranharem ao Author hum sonho que a ninguem offendia</i>	<a href="#">26.</a>
<i>Á moda dos Chapéos maiores da marca</i>	<a href="#">27.</a>
<i>Ás Fivelas chamadas à la Chartre</i>	<a href="#">28.</a>
<i>A huma Velha presumida</i>	<a href="#">29.</a>
<i>Aos Annos de huma formosa Dama</i>	<a href="#">30.</a>
<i>A hum Padre Guardião</i>	<a href="#">32.</a>
<i>Em louvor de Caporalini, Actor do Theatro de S. Carlos</i>	<a href="#">33.</a>
<i>Achando-se o Author prezo dos bellos olhos de Marcia</i>	<a href="#">34.</a>
<i>Sobre a Ingratidão de huma Dama</i>	<a href="#">35.</a>
<i>CANTIGAS feitas nas Caldas</i>	<a href="#">36.</a>
<i>ENDECHAS</i>	<a href="#">39.</a>

[147]

## DECIMAS.

<i>Em dia dos annos do Illustrissimo Principal Almeida</i>	<a href="#">45.</a>
<i>Mote: Olhos de Lize, olhos bellos, &amp;c.</i>	<a href="#">47.</a>
<i>Mote: Tu teimas em desprezar-me, &amp;c.</i>	<a href="#">50.</a>
<i>Mote: Não sei que quer a desgraçada, &amp;c.</i>	<a href="#">53.</a>
<i>Mote: Os meus olhos a chorar</i>	<a href="#">56.</a>
<i>Mote: Já disse tudo a Cupido</i>	<a href="#">57.</a>
<i>Mote: Distancias, e saudades</i>	<a href="#">58.</a>
<i>Mote: Cantarei alegres penas, &amp;c.</i>	<a href="#">59.</a>
<i>Mote: Nada no mundo figura, &amp;c.</i>	<a href="#">60.</a>
<i>Mote: Amor para me prender, &amp;c.</i>	<a href="#">61.</a>
<i>Mote: A minha felicidade</i>	<a href="#">62.</a>
<i>Mote: Quem adora occultamente &amp;c.</i>	<a href="#">63.</a>
<i>Mote: Nos olhos o amor explico, &amp;c.</i>	<a href="#">66.</a>
<i>Mote: Por passos sem esperanza, &amp;c.</i>	<a href="#">69.</a>
<i>Mote: Eu já tenho exp'rimentado &amp;c.</i>	<a href="#">70.</a> <a href="#">71.</a>
<i>Mote: Ouvi, ó Senhora, ouvi, &amp;c.</i>	<a href="#">72.</a>
<i>Mote: Hei de amar-te até á morte, &amp;c.</i>	<a href="#">75.</a>
<i>Mote: Toda a Mulher he perjura</i>	<a href="#">78.</a>
<i>Mote: De mil suspiros que eu dou</i>	<a href="#">80.</a>
<i>Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Penalva</i>	<a href="#">79.</a> <a href="#">81.</a>
<i>Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Villa Verde</i>	<a href="#">82.</a> <a href="#">84.</a> <a href="#">87.</a>
	<a href="#">94.</a>
<i>Vagando hum Officio que o A. pertendi</i>	<a href="#">88.</a>
<i>Joaquim Ignacio Seixas, Medico das Caldas</i>	<a href="#">89.</a>
<i>hum Pregador celebre</i>	<a href="#">90.</a>
<i>Carta a Lourenço da Mota, Officialda Secretaria</i>	<a href="#">91.</a>

[148]

[149]

## QUADRAS.

<i>Ao Juiz do Crime de Andaluz</i>	<a href="#">95.</a>
<i>Memorial a Suas Altezas</i>	<a href="#">98.</a>

## QUINTILHAS.

<i>No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Villa Verde</i>	<a href="#">103.</a>
<i>Em louvor de huma Senhora</i>	<a href="#">106.</a>
<i>Quixotada.</i>	<a href="#">114.</a>

[150]

## ODES.

<i>A SS. MAGESTADES, no dia da Acclamação da Rainha N. Senhora</i>	<a href="#">122.</a>
<i>No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja</i>	<a href="#">132.</a>
<i>Ao Senhor D. Domingos de Assís Mascarenhas</i>	<a href="#">137.</a>
<i>Em louvor da Saude</i>	<a href="#">142.</a>

### Notas:

[1] *Duvidoso.*

[2] *O Marquez de Pombal.*

[3] *Tem allusão ao Soneto VI.*

[4] *Duvidoso.*

[5] *Duvidoso.*

[6] *Os Márques compráão em Lisboa humas casas a certo homem da mesma por preço exorbitante: feita a escritura, e passado o dinheiro em cartuxos, voltou brevemente o vendedor dizendo que indo em casa a contar os cartuxos achára cobre, e não ouro. Quem compra por preço tal, parece que não faz tenção de pagar: Quem vende por tal preço, parece ter demasiada cubiça. Todos estavam em boa reputação.*

[7] *Estas Decimas fez o A. em agradecimento de ser provido pelo Principal, então Director dos Estudos, na Cadeira de Rhetorica, de que depois se queixou tanto.*

[8] *Outro Pregador tendo bebido demasiado, chegou ao pulpito, e só pronunciou estas palavras: Sempre me deito.*

\*\*\* END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK OBRAS POSTHUMAS \*\*\*

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one

owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE  
THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE  
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at [www.gutenberg.org/license](http://www.gutenberg.org/license).

**Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works**

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in



the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website ([www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™

electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you ‘AS-IS’, WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

## **Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™**

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™’s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

## **Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation’s EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state’s laws.

The Foundation’s business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found

at the Foundation's website and official page at [www.gutenberg.org/contact](http://www.gutenberg.org/contact)

#### **Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate).

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate)

#### **Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works**

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.